

Imagens ainda distorcidas

Geraldinho Vieira

Enquanto as grandes redes de televisão mostravam na noite de ontem suas programações habituais, a modesta TV Capital/Brasília colocava no ar, desde às 22h40 até 01h00 o mais importante programa já produzido nos 30 anos de vida da cidade, em co-produção com o Jornal de Brasília. Saimos da ilha da fantasia e entramos na era da discussão dos problemas que afetam nosso dia-a-dia e suas possíveis soluções.

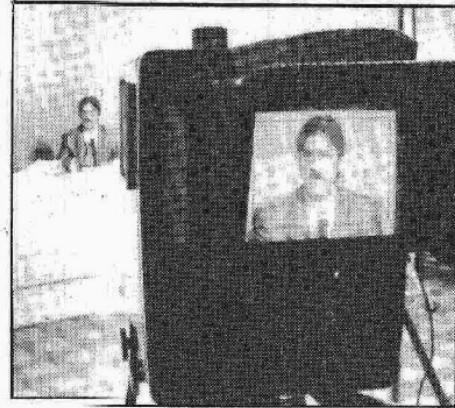
Se a maratona de debates que acompanhamos pela televisão durante os primeiro e segundo turnos da eleição presidencial foram suficientes para que se dissesse tudo sobre o poder do veículo em fazer ou desfazer uma imagem política, é preciso que se acrescente: a sociedade brasileira deve repudiar o que se torna norma, e portanto habitual e inquestionável, que o candidato que se julgue favorito ou que assim é apontado pelas pesquisas, recuse-se a participar de encontros deste nível. A lógica política é correta (quem está na frente só tem, à priori, a perder), mas a ética com a qual se pretende cristalizar no País o estado democrático deve ser cumprida pelos homens em benefício da sobrevivência das instituições e da lição de que é preciso discutir caminhos para que a população não caia, desavisada, nas mãos de qualquer ordem de autoritarismo. Neste sentido, o ex-governador Joaquim Roriz (único candidato que recusou-se a comparecer ao debate de ontem) perdeu histórica oportunidade de ser parte integrante da inauguração da democracia política no Distrito Federal. E a democracia moderna não quer e nem pode dispensar o alcance dos aparelhos de televisão.

Construindo perfis

O primeiro debate entre os candidatos ao governo do DF mostrou políticos ainda inseguros quanto à imagem que querem transmitir ao eleitorado. Os nomes foram recém-aprovados pelas convenções partidárias e todos eles eram estreantes neste tipo de encontro. De qualquer maneira, alguns já deram sinais de por onde querem caminhar; e, outros, de por onde correm risco de chegar ao abismo da derrota eleitoral.

O candidato Elmo Serejo Farias revelou que vai aproveitar toda e qualquer oportunidade para lembrar à cidade que já foi seu governador, e que não evitaria lançar mão de número de obras realizadas em sua administração anterior. É uma estratégia correta e natural, mas o candidato deve tomar cuidado com o excesso de vezes em que se refere aos assuntos como "de difícil solução". O eleitor não gosta de quem acha o desafio difícil.

O ex-secretário Adolfo Lopes, por sua vez, apontou o caminho do



estilo Afif/Collar, de respostas enfáticas, gestos vigorosos e olhar "penetrante" diante (ou através) das câmeras. Acertou quando, questionáveis ou não, correu sempre atrás de possíveis soluções em suas respostas. Conhece a máquina Administrativa e utiliza bem os dados que tem.

O candidato Carlos Magno não demonstrou energia vital capaz de prender o ouvinte (do comício ou da poltrona) para sua fala. Em sua primeira interferência não cumpriu nem público nem apresentadores do programa nem os outros candidatos, mas pediu a demissão do secretário federal de administração João Santana. Todos os candidatos vão sair correndo atrás do voto do servidor público demitido.

Quem esteve mais à vontade nos estúdios da TV Capital foi o senador Maurício Corrêa. Falou com segurança, questionou com veemência as atitudes administrativas do governo Collor e foi absolutamente enfático ao criticar o candidato ausente e os grupos empresariais ligados à construção civil. Candidato mais votado em 86, mostrou que está disposto a Brigar de fato pelo governo. Falou ao telespectador como um seu velho conhecido.

O candidato do PT, Carlos Saraiva e Saraiva não deixou de utilizar declarações enfáticas em oposição também ao governo federal e à administração do ex-governador Joaquim Roriz. Raciocina bem, fala com articulação, mas para quem não é um nome que dispensa apresentação cometeu um deslize que só não custa tão caro porque se trata de início apenas de campanha: não reforçou em cada resposta o nome do partido a que pertence, ou sequer vestiu um bottom do PT na lapela do paletó. Sem nome firmado na cidade, Saraiva certamente vai ter que contar com o carisma e o sentimento de militância do partido. De todos os candidatos é o único que além do desempenho próprio deve utilizar a marca do partido como fator decisivo, mas não usou. Assim como Lula, que no último debate com Collor esqueceu em casa a tradicional estrelinha do PT para a lapela. Foi o maior deslize de marketing político do primeiro debate pela televisão da história de Brasília.